

Lula critica 'extrema direita racista' e pede reforma da governança global

Continuação da pág. A1

Na sequência, Lula viajou para a Etiópia, onde foi recebido pelo controverso premiê Abiy Ahmed, ganhador do Prêmio Nobel da Paz, mas que agora lidera guerra contra rebeldes e é acusado de genocídio. Também neste sábado, antes de discursar na cúpula da União Africana, Lula se reuniu com o premiê da Autoridade Palestina, Mohammed Shitayeh, para discutir a situação em Gaza. Segundo interlocutores do governo, o representante palestino afirmou ao brasileiro que a Autoridade Palestina não possui ligações com o grupo terrorista Hamas. Disse ainda que a situação em Gaza configura genocídio. "Se isso não é genocídio, não sei o que é", teria afirmado Shitayeh. O encontro durou cerca de uma hora, em uma das salas de conferência na sede da União Africana.

Shitayeh é premiê da Autoridade Palestina, na Cisjordânia. Ele também não é o principal dirigente de Gaza, que é controlada pelo Hamas. O premiê também não é o principal dirigente da Autoridade Palestina, o que cabe ao presidente Mohammed Abbas —com quem Lula já manteve uma série de conversas. Durante o encontro, o palestino teria agradecido a Lula por suas intervenções em favor de um cessar-fogo em Gaza e também pela atuação do Brasil, que apoiou a denúncia da África do Sul à Corte Internacional de Justiça da ONU para apurar a acusação de que Israel cometeu genocídio na guerra.

Shitayeh também afirmou que a situação atual de Gaza é muito pior do que os números internacionais apontam. Além dos 32 mil mortos palestinos, ele afirmou que há 4.000 desaparecidos sob os escombros de casas e prédios destruídos nos ataques israelenses.

A situação na Faixa de Gaza foi o principal tema da viagem de Lula. No entanto, o próprio presidente minimizou o seu poder de influenciar a situação de Gaza, que as partes estabelecem um cessar-fogo no conflito. A preocupação com os rumos da guerra aumentou nos últimos dias com o anúncio de Israel de que ampliará as operações militares em Rafah, no sul, na prática a única cidade com saída da Faixa de Gaza.

Polícia prende centenas em vigílias por Navalni na Rússia

Família foi notificada oficialmente da morte do ativista, mas não recebeu corpo

Igor Giedrow

SÃO PAULO — Ao menos 421 pessoas foram presas na Rússia por participarem de vigílias não autorizadas em homenagem ao líder opositor Alexei Navalni, morto em circunstâncias misteriosas na sexta-feira (16) numa prisão no Arctico. A conta é da ONG de monitoramento de direitos humanos OVD-Info, e abrange detencões ocorridas na sexta e neste sábado (17). Elas ocorreram em 36 cidades, e maior número de presos foi registrado em São Petersburgo.

Em Moscou, foram os menos: 39 detidos. As duas maiores cidades russas concentram o maior contingente de classe média alta do país, já da população em que Navalni tinha mais apoiantes. No geral, centenas de policiais nunca teve densidade nacional em termos de detidos.

Os manifestantes participavam de vigílias das quais a polícia considerou equivalentes a manifestações sem permissão da prefeitura — logo, sob as regras russas, ilegais. A Procuradoria de Moscou havia feito um alerta contra concentrações. Na maior parte dos casos, os apoiantes de Navalni depositaram flores junto a monumentos às vítimas



Policiais detêm homem que fazia vigília em Moscou após morte de Navalni. (Imagem: Reuters)

do sistema de campos de prisioneiros soviéticos, o Gulag. Na capital, o monumento fica em uma área particularmente sensível: em frente à sede do FSB, o sucessor da temida polícia secreta KGB, na praça Labianka (centro). Havia bastante policiais na região, e as flores detidas na sexta foram recolhidas à noite.

Não há registro de confrontos. Os números são modestos também: os atos contra a prisão de Navalni, em 2022,

juntaram milhares e uma escala proporcional de prisões. Em termos de manifestações como um todo, a maior ocorrência desde a repressão daquele ano foi em setembro de 2022, quando 1.300 foram detidos protestando contra a mobilização de 300 mil reservas para a Guerra da Ucrânia.

Em São Petersburgo, um padre foi detido após anunciar que recriaria uma missa para Navalni, mas a Igreja Ortodoxa, alinhada ao Kremlin,

veio a público dizer que o religioso não era seu integrante. A morte de Navalni, 47, continua misteriosa. Governos ocidentais e opositoristas russos culpam Vladimir Putin, no mínimo devido às condições de encarceramento na prisão conhecida como Lobo Polar, onde na sexta a temperatura chegou a 24°C. Ainda não há detalhes da necropsia do ativista, que foi visto dois dias antes com boa aparência em audiência virtual

com um juiz de Moscou. Ludmila, mãe de Navalni, visitou neste sábado a colônia penal onde seu filho morreu. Quando a advogada e a mãe chegaram, receberam a informação de que a causa da morte foi síndrome da morte súbita, escreveu Ivan Zhdanov, que dirige a Fundação Anticorrupção de Navalni, na plataforma X. Síndrome da morte súbita é um termo vago para diferentes problemas de saúde que causam parada cardíaca súbita e morte. Segundo a equipe de Navalni, não há informações sobre a localização do corpo do ativista. Sua mãe havia sido informada de que os restos mortais estavam em Saklhard, próxima ao complexo penal. Mas ao chegar à cidade, deparou-se com o necróterio fechado. Quando o advogado de Navalni entrou em contato com a instituição, um funcionário teria dito que o corpo não estava no local. Mais tarde, autoridades disseram que o corpo não seria liberado até a conclusão da investigação. "Exigimos que as autoridades russas entreguem imediatamente o corpo", disse Kiria Larshin em entrevista. Segundo o Serviço Federal Prisional russo, Navalni morreu após desmaiar durante uma caminhada. Ele cumpria pena de 30 anos e meio de cadeia, acusado de corrupção, desrespeito e extremismo. A rede estatal russa RT afirmou, baseando-se em informações anônimas, que ele foi atendido e que a causa da morte foi uma trombose. Não houve confirmação disso e, mesmo que haja, dificilmente os apoiantes de Navalni acreditarão no que disser o Estado.

Putin tem maior vitória em quase um ano na guerra

SÃO PAULO — As forças de Vladimir Putin tornaram neste sábado (17) a cidade de Avdiivka, no leste da Ucrânia, na maior vitória militar de Keremlin em quase um ano. O local é considerado chave para a conquista da região de Donetsk, que sob os escombros de casas e prédios destruídos nos ataques israelenses.

A situação na Faixa de Gaza foi o principal tema da viagem de Lula. No entanto, o próprio presidente minimizou o seu poder de influenciar a situação de Gaza, que as partes estabelecem um cessar-fogo no conflito. A preocupação com os rumos da guerra aumentou nos últimos dias com o anúncio de Israel de que ampliará as operações militares em Rafah, no sul, na prática a única cidade com saída da Faixa de Gaza.

Regiões que a Rússia diz ter anexado
Península anexada em 2014



apesar de não ter controle total sobre ela. Antes da guerra, tinha 32 mil habitantes. Para analistas, a tomada da cidade abre o caminho para Putin tentar tomar a região de Donetsk, que, ao lado da vizinha Lugansk, compõe o território histórico do Donbass. É a principal vitória russa na guerra desde a tomada de Bakhmut, 70 km a nordeste da cidade capturada neste sábado, que ocorreu no ano passado. Depois disso, o principal desenvolvimento militar em solo foi o fracasso da contraofensiva ucraniana, que havia começado em junho. Putin parabenizou os soldados envolvidos pelo que chamou de "vitória importante". Segundo agências russas, o presidente ainda teria enviado um telegrama às tropas elogiando a "excelente atividade militar" que levou

à conquista do território. Para o governo de Volodymyr Zelenskyy, são pessimistas notícias. Ele trocou há duas semanas a chefia das Forças Armadas. Pressionado em campo, o novo comandante, Oleksandr Syrskyi, tem apostado em ações mais espetaculares para manter o moral das tropas — ataques como o recente contra cidades russas e o afundamento de um grande navio da Frota do Mar Negro, ano passado. Depois disso, o principal desenvolvimento militar em solo foi o fracasso da contraofensiva ucraniana, que havia começado em junho. Putin parabenizou os soldados envolvidos pelo que chamou de "vitória importante". Segundo agências russas, o presidente ainda teria enviado um telegrama às tropas elogiando a "excelente atividade militar" que levou

Neste sábado (17), Zelenskyy apelou aos líderes reunidos na Conferência de Segurança de Munique, o mais tradicional encontro do tipo da Europa. "Ocalmente, manter a Ucrânia com um déficit artificial de armas, particularmente artilharia e capacidade de longa distância, permite a Putin se adaptar à atual intensidade da guerra", afirmou ele. Para Putin, se a tomada de Avdiivka de fato se tornar o início da conquista de Donetsk, ele terá uma peça de propaganda política ideal para apresentar ao eleitorado no pleito presidencial em março. É um momento delicado na Rússia, após a morte nesta sexta do opositor Alexei Navalni na cadeia, e tudo o que o presidente pode querer é um triunfo militar — a guerra segue com apoio de 75% da população. IG

Imprensa argentina se dobra a Milei

Grandes conglomerados exaltam descaradamente presidente ultraliberal

Sylvia Colombo

Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Buenos Aires. É autora de "O Ano da Cálera"

Há alguns dias, o diretor da prestigiada publicação dos Estados Unidos Americas Quarterly, Brian Winter, escreveu em sua coluna na plataforma X: "Estou achando difícil acompanhar os eventos na Argentina. Existem tantos jornalistas argentinos verdadeiramente extraordinários, mas o estilo sempre foi discursivo, quase literário. Na era Milei, as coisas estão se movendo tão rápido que às vezes você só quer as notícias. Os repórteres de lá, como em qualquer lugar, estão lidando com pressões financeiras externas e menos recursos para reportagens verdadeiras. A maioria das mídias

também tem sua 'perspectiva'. Difícil não concordar com Winter, grande conhecedor da Argentina e do Brasil. Até mesmo os jornalistas baseados na própria Argentina vêm sofrendo com a falta de transparência dos órgãos públicos de Milei, que vão e vêm a cada tanto. Além disso, se já era uma tradição do pouco jornalismo de intervenção por um ano e Milei tem a intenção de privatizar a TV Pública, a agência de notícias Télam e a Rádio Nacional,

o que tem sido um tanto contraproducente, porém, é o comportamento dos grandes conglomerados de mídia, que possuem, nestes dois meses de gestão, de "normalizar" Milei e a cultura de curandeiros e manduquinhos, cujas gestões covas 22,0% de inflação no mês de janeiro começou uma guerra com os governadores das províncias, de quais cortou repasses e subsídios. Na última semana, Milei novamente entrevistado pelos meios jornalísticos de TV que o entrevistou sempre. Três jornalistas que fizeram uma pergunta complicada. Ao longo da semana, em seus respectivos programas,

todos reproduziram o que disse o presidente e reformaram sua visão e suas frases. Esses são do canal televisivo La Nación. Já a Td Noticias, que pertence ao grupo Clarín, também fez seus movimentos para ter jornalistas pro-Milei em seu plantel, como Jonathan Viale. Desde a campanha, as duas emissoras vêm reformando suas coberturas de caso de falta de segurança, pintando a periferia de Buenos Aires como se fosse um Medellín dos anos de Pablo Escobar. As taxas de homicídio argentinas são muito mais baixas do que as de países como Brasil e México.

Quando o diretor Brian Winter fala de "perspectivas" está praticamente usando um eufemismo. Trata-se de uma tomada de posição mesmo. O que acontece na "Argentina real" é assunto que se opõe de programas de viagens, que mostram o que há de pitoresco nas províncias. Milei decidiu que, todos os dias, seu porta-voz, Manuel Adorni, faça declarações dos feitos do governo, mais ou menos como faz Andrés Manuel López Obrador no México. As "manutenções" do país do norte são tediosas, propagandísticas e com pouco espaço para perguntas dos jornalistas. As de Adorni são marcadas pela soberba, e com respostas sempre preparadas para perguntas mais inconvenientes. São mais para proteger o governo do que para esclarecer de fato o que vem ocorrendo. Como disse o escritor Tomás Eloy Martínez (1924-2020), a Argentina nunca tinha se recuperado da disputa de excelentes

jornalistas da imprensa escrita que tiveram de se exilar nos anos 1970, primeiro por conta da Triple A (esquadrão da morte criado ainda durante o governo de Perón e Esbatido) e depois por conta da própria ditadura militar (1976-1982). Martínez, de mesmo oriundo ao exílio na Venezuela, continua tendo razão nesse quesito. Há, obviamente, exceções, mas na imprensa escrita predomina o cunho e a falta de reportagens. A frustração "Tei omibus", que Milei quis aprovar às pressas depois mudado de ideia, retirando o quando já estava praticamente aprovada, chegou ao público em geral quase sem explicação e com muita desinformação sobre seu conteúdo. A imprensa, ali, também laborou de ditadura ao não explicar o movimento de formação e objetivação. A situação só tende a piorar, considerando que o próprio Milei já demonstrou que não precisa desses meios tradicionais e fala diretamente com seus apoiadores pelas redes.